

O MESTRE IGNORANTE E O JOGO HEURÍSTICO: PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGENS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

*THE IGNORING MASTER AND HEURISTIC GAME: PERSPECTIVES OF
LEARNING FOR CHILDHOOD EDUCATION*

Graciela da Silva Salgado^I 

Elizabeth Fontoura Dorneles^{II} 

Tiago Anderson Brutti^{III} 

^IUniversidade de Cruz Alta, Cruz Alta,
RS, Brasil. Mestranda em Práticas
Socioculturais e Desenvolvimento Social.
E-mail:

^{II}Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta,
RS, Brasil. Doutora em Letras. E-mail:
edorneles@unicruz.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-6950-1653>

^{III}Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta,
RS, Brasil. Doutor em Educação nas
Ciências. E-mail: tbrutti@unicruz.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3216-4221>

Resumo: Esse artigo faz um entrecruzamento teórico entre “O Mestre ignorante” de Jacques Rancière com a abordagem pedagógica do “Brincar heurístico” da educadora inglesa Elinor Goldschmied. Esse estudo foi motivado pelas leituras e discussões realizadas na disciplina “Sociedade, Cultura e Cidadania”, componente curricular do Programa de Pós-graduação Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Unicruz. Objetiva fazer uma reflexão acerca da autonomia dos seres humanos em relação a aprendizagem, bem como do papel do mestre, ou seja do professor no percurso que se estabelece na vida de cada sujeito que aprende nos diversos momentos e contextos da vida. A escrita contou com a revisão bibliográfica para fundamentar metodologicamente as reflexões de ambas as teorias e estão embasados em Rancière (2002), Fochi (2018) Palacios e Mora (2004). A autonomia na aprendizagem é possível e para isso o aprendiz precisa de tempo, espaço e de um professor que exerça sua docência na perspectiva do respeito e da observação atenta.

Palavras-chave: Docência. Infâncias. Historicidade. Aprendizagem.

Abstract: This paper makes a theoretical cross between Jacques Rancière’s “The Ignorant Master” with the pedagogical approach of the English educator Elinor Goldschmied’s “Heuristic Play”. This study was motivated by the readings and discussions conducted in the discipline “Society, Culture and Citizenship”, curricular component of the Graduate Program Master in Sociocultural Practices and Social Development at Unicruz. It aims to reflect on the autonomy of human beings in relation to learning, as well as the role of the teacher, ie the teacher in the course that is established in the life of each subject who learns in the various moments and contexts of life. The writing relied on the literature review to methodologically ground the reflections of both theories and are based on Rancière



DOI: <https://doi.org/10.33053/dialogus.v9i1.15>

Recebido em: 14.09.2019

Aceito em: 03.02.2020

Dialogus



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

(2002), Fochi (2018) Palacios and Mora (2004). Autonomy in learning is possible and for this the learner needs time, space and a teacher who exercises his teaching from the perspective of respect and attentive observation.

Keywords: Teaching. Childhoods. Historicity. Learning.

1 Introdução

Acreditar na potência dos sujeitos é o primeiro passo para a emancipação intelectual. Nessa perspectiva o objetivo desse artigo é fazer uma reflexão acerca da autonomia dos seres humanos em relação a aprendizagem, bem como do papel do mestre, ou seja do professor no percurso que se estabelece na vida de cada sujeito que aprende nos diversos momentos e contextos da vida, e a partir disso entrecruzar as teorias que apoiam a aprendizagem individual (em crianças e adultos) por meio da revisão de literatura “O Mestre ignorante” de Rancière e do “Jogo Heurístico” de Elinor Goldschmied contido no livro “O brincar heurístico na creche” de Paulo Fochi (2018). As teorias da psicologia evolutiva corroboram a necessidade da interação exploratória, entre indivíduo e objeto, para acontecer a aprendizagem.

A trajetória histórica da educação para a primeira infância entra nesse contexto a partir da perspectiva da valorização de abordagens que colocam a criança como um ser potente, ativo e pesquisador, mesmo os bebês, na mais tenra idade, possuem capacidades motoras e cognitivas para experimentar objetos combinados entre si que durante a manipulação causam sensações que intrigam as crianças e as fazem levantar diversas hipóteses. Nesses jogos onde a heurística é o mote para a descoberta por si próprio e a literatura de *Telêmaco*, da mitologia grega que serviu de elo entre os ignorantes do idioma francês para com o Mestre Jacotot.

A primeira seção aborda a história de Jacotot e de como se estrutura tal metodologia que visa a emancipação intelectual do sujeito por ele próprio. No segundo a analogia é feita com a aprendizagem das crianças, onde a abordagem do brincar heurístico exerce um papel semelhante, pois as crianças, através da organização prévia do professor, podem obter inúmeras aprendizagens nas interações individuais ou coletivas com as modalidades do jogo heurístico. A etimologia da palavra heurística vem do grego e tem o mesmo significado da expressão heureka, ambas significam descoberta, e envolvem processos cognitivos exploratórios. Por fim, são tecidas as devidas considerações acerca da revisão bibliográfica e dos elementos que a pesquisa suscitou.

2 Um mestre nada ignorante

Iniciamos esse escrito com o princípio das ideias de Jacotot quando busca encontrar algo em comum entre si e os alunos Holandeses ávidos pelo idioma francês. Jacotot, por sua vez, conhecia muito bem o francês, porém desconhecia o idioma holandês, e, nessa perspectiva, encontrar um ponto convergente era a primeira medida a ser tomada, a fim de estabelecer um fio condutor na comunicação. O lançamento da obra “Telêmaco” em uma edição bilíngue surge como o elo necessário. Por meio de um interprete, Jacotot recomenda a obra aos alunos e os

manda ler, repetidamente, a primeira parte, até que a pudessem narrar. Para seu espanto, quando solicitou aos aprendizes o que haviam aprendido, o resultado superou suas expectativas, pois de fato não esperava que os alunos pudessem, de forma voluntária terem aprendido o idioma a ponto de realizarem a leitura da obra.

Rancière (2002 p. 12) diz que aprender envolve significar duas coisas opostas, i) a dificuldade em aprender; ii) ser compelido a desenvolver as necessárias capacidades de aprender. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo emancipação. Ambas, tomam a desigualdade como ponto de partida, os dois aspectos atribuem à escola a salvação da desigualdade social cuja finalidade seja reduzir a “fratura social”.

A igualdade, ensinava Jacotot, não é nem formal nem real. Ela não consiste nem no ensino uniforme de crianças da república nem na disponibilidade dos produtos de baixo preço nas estantes de supermercados. A igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verificá-la, de inventar as formas individuais ou coletivas, de sua verificação. (RANCIÈRE, 2002, p. 14).

A grande experiência de Jacotot com os meninos que solicitaram auxílio para aprender o idioma francês, e que, através da leitura de “Telêmaco” tão bem o fizeram sem a intervenção brusca, invasiva ou condutiva de um mestre, Jacotot percebeu a potência do indivíduo enquanto agente de sua própria aprendizagem e que para isso, é necessário um olhar atento do mestre para evitar caminhos que levem ao acaso, onde, segundo Rancière (Ibid., p. 14) perde-se espíritos ainda incapazes de distinguir o essencial do acessório e o princípio da consequência.

[...] Ele não havia dado a seus “alunos” nenhuma explicação sobre os primeiros elementos da língua. Ele não lhes havia explicado a ortografia e as conjugações. Sozinhos, eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes àquelas que conheciam, e as razões de suas desinências. Sozinhos eles haviam aprendido a combiná-las, para fazer, por sua vez, frases francesas: frases cuja ortografia e gramática tornavam-se cada vez mais exatas, à medida em que avançavam na leitura do livro; mas, sobretudo, frases de escritores, e não de iniciantes. Seriam, pois, supérfluas as explicações do mestre? Ou, se não o eram, para que e para quem teriam, então, utilidade? (RANCIÈRE, 2002, p. 18).

Explicar algo para outrem é mostrar-lhe auxílio para aquilo que não pode compreender por si só. Nesse pensamento do mestre ignorante a explicação é o “mito da pedagogia”¹. O ser adulto que encobre o conhecimento para ele mesmo descobrir novamente. A explicação rompe “o mutismo da matéria ensinada”. (Ibid., p. 18). Nessa perspectiva, é dura a crítica sobre as preocupações “nobres”² da pedagogia que pensa o processo de ensinar dentro de um panorama satisfatório (para o professor) que usa a didática explicativa para fazer-se compreender pelo seu interlocutor (o aluno). O mestre que ignora esse protocolo e sabe reconhecer a distância (que não abandona, mas dá liberdade) e a toma como uma metodologia da confiança, que oferta tempo ao aprendiz. O “explicador”³ abole a distância, ou seja, priva o aprendiz de hipotetizar, pensar e refutar suas próprias hipóteses.

1 Destaque nosso.

2 Destaque nosso.

3 Destaque nosso.

Por meio da experiência da criança, do sábio e do revolucionário, o método do acaso praticado com sucesso pelos estudantes flamengos revelava seu segundo segredo. Esse método da igualdade era, antes de mais nada, um método da vontade. Podia se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se queria, pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências da situação. (RANCIÈRE, 2002, p. 25).

Mesmo o mestre (Jacotot) não estando diretamente intervindo no processo foi por seu intermédio que o artefato (Obra Telêmaco) que continha o conhecimento chegou as mãos dos alunos e estabeleceu um “laço intelectual igualitário entre o mestre e o aluno” (Rancière, 2002, p. 25). A vontade de aprender preponderou, tanto nos aprendizes quanto no ensinante, o que gerou reciprocidade “o aluno estava ligado a uma vontade, a de Jacotot, e a uma inteligência, a do livro” (Ibid., p. 26). Só aprende quem se emancipa e só se emancipa quem sabe o que fazer com o que aprendeu. Para isso, um professor atento as especificidades da aprendizagem é fundamental.

A psicologia evolutiva se ocupa de estudar o desenvolvimento do ser humano. A sua ascensão as diferentes aprendizagens que o permite fazer parte de um grupo social. As diversas teorias sobre como o ser humano aprende, com abordagens mais ou menos interacionistas, levam sempre a compreensão de que somos seres relacionais e com uma programação genética para a aprendizagem, salvo em casos de anomalias genéticas ou acidentes no decorrer da vida.

Na teoria Vygotskiana a aprendizagem parte do princípio interacionista com o meio no qual o sujeito está inserido, nessa epistemologia, a convivência com os pares de sua cultura o possibilitam aprender com a observação ou na interação com outro sujeito mais experiente, este lhe antecipa saberes que cedo ou tarde desenvolverá em sua trajetória.

Em Palacios (2004, p. 51) há um exemplo de influência mútua, onde pai e filha interagem montando um jogo de quebra-cabeças. A menina inicia a brincadeira sem ter a mínima ideia de como fazê-la, mas o pai lhe auxilia com as primeiras instruções, sem fazer por ela, dando subsídios para pensar e hipotetizar. Logo que se familiariza e compreende a lógica do jogo, torna-se capaz de montar as peças de maneira autônoma, e assim se sucede, aproveitando as interações com o mais versado, as suas tentativas vão se seguindo até conseguir por si só, “primeiro, um domínio parcial e, depois, um domínio absoluto”. (Ibid., p. 51).

A forma como o adulto – sujeito mais experiente – se coloca no percurso do aprendiz influencia de maneira positiva ou negativa o processo de aprendizagem, uma vez que a pressa com que o ensinante quer obter os resultados atropela o tempo do aprendiz causando frustrações e bloqueios. A criança é um exemplo perfeito de persistência, no que diz respeito a aprendizagem, porque toda sua metodologia de aprendizagem está pautada na experimentação, na repetição. Isso relaciona-se com os alunos de Jacotot quando Rancière afirma que:

[...] a inteligência que os fizera aprender o francês em Telêmaco era a mesma que os havia feito aprender a língua materna: observando e retendo, repetindo e verificando, associando o que buscavam aprender àquilo que já conheciam, fazendo e refletindo sobre o que haviam feito. Eles haviam procedido como não se deve proceder, como fazem as crianças, por adivinhação. (RANCIÈRE, 2002, p. 23).

Para pensar a promoção da aprendizagem a um nível mais elevado de compreensão de mundo, se faz necessário atribuir valor ao pensar do aluno, que lugar ele ocupa na escola e

nesse contexto dialético entre professor e aluno “pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno” (Ibid., 2002, p. 27). Interessante pensar em como Rancière destaca a capacidade pensante do sujeito aprendente, a importância do mestre acreditar na potencialidade que há em cada sujeito, essa metodologia exige mestres “conscientes do verdadeiro poder do espírito humano” (Ibid., p. 27).

O método descoberto por Jacotot representa, de certa forma, a capacidade das pessoas de aprender por si próprio. Ele defende as diferentes inteligências, evidencia o papel da vontade e do impulso em querer muito saber algo. A linguagem é exaltada como meio central para comunicar diferentes formas de aprender. A palavra é o objeto de ligação antes do objeto artefato, o livro só serviu de elo porque nele haviam palavras impressas e foi por meio da palavra que ele chegou às mãos dos sedentos pelo conhecimento de uma nova língua. A linguagem significa todo processo de conhecimento.

Da emancipação, através do conhecimento, decorre uma pessoa mais confiante, determinada e destemida. Nesse sentido, na próxima seção o brincar heurístico é apresentado como uma forma de emancipar crianças bem pequenas em seus processos de aprendizagens, tendo o professor como adulto mais experiente, como viabilizador desse percurso.

3 Das potencialidades dos bebês e das crianças bem pequenas em descobrir as coisas do mundo

O princípio que moveu os alunos de Jacotot a aprender através da tentativa e erro o idioma francês é o mesmo que impera nas crianças desde bem pequenas, a curiosidade. As crianças aprendem experimentando e muito cedo interagem com as pessoas e objetos a sua volta. As ciências sociais do século XX, sobretudo as europeias, nos trazem descobertas sobre o desenvolvimento humano e de como a psicologia evolutiva estuda as diferentes fases da vida. Essas pesquisas qualificaram e continuam qualificando a visão contemporânea acerca das aprendizagens das crianças de 0 a 3 anos.

Os bebês e as crianças bem pequenas já foram vistas de um ponto de vista muito simplório, seres sem vontade própria e passivos. Essa concepção prevaleceu durante muitos séculos. A única certeza era de pertencimento a raça humana e, por isso, as vestiam como mini adultos e, sob esse estereótipo as retratavam. Foi com Piaget, na década 1930, que estudos sobre a primeira infância, a partir de ensaios com seus próprios filhos, provou que nessa etapa da vida reside muita potência e intencionalidade.

Dessa época para o presente momento muito se tem conquistado no que diz respeito à aprendizagem das crianças bem pequenas e dos bebês, principalmente em espaços institucionais. De acordo com Fochi (2018) com a inglesa Elinor Goldschimied surge a abordagem do jogo heurístico. Elinor parte do princípio da inteireza de bebês que são potentes, ou seja, sem “dissociação da sua experiência corporal com a cognitiva, emocional e social” (FOCHI, 2018, p. 60), essa visão global da criança, dá sequência aos estudos sobre o desenvolvimento integral na infância.

A curiosidade é uma dimensão que move as crianças na primeira infância, a heurística é parte fundamental das primeiras impressões que os bebês experimentam. Essa perspectiva leva os professores de crianças de 0 a 3 anos refletir com as seguintes perguntas: i) É possível o bebê também aprender sozinho? ii) O que o bebê pode aprender através da exploração dos objetos, sem que o adulto interfira ou lhe ensine? (Ibid., 2018, p. 61). Toda criança é potente e quando são colocadas em situações de experimentação, com materiais diversos, das ações, que primeiramente parecem desordenadas (pela falta de jeito em tocar, pegar, apreender, reter nas mãos, lançar etc.) e diante de todas essas tentativas surge a intensidade da vontade, da experimentação que as faz forçar seus corpos e cognição para explorar sensorialmente tais objetos e, a partir deles construir hipóteses de como funcionam e das experiências construir seu próprio conhecimento.

O jogo heurístico permite às crianças a oportunidade de investigar, mexer, sacudir, colocar, tirar etc., e dessas experimentações o princípio heurístico pauta as descobertas (a criança por conta própria) dos objetos e materiais diversos dispostos aos bebês e as crianças bem pequenas (de 0 a 3 anos). Para cada faixa etária Goldschimied oferece uma abordagem que contemple, além da idade, o nível de interesse por determinadas coleções de objetos. A organização de tempo, espaço e agrupamento adequado, para os bebês (0 a 11 meses e 29 dias) que ainda não caminham, mas que já se sustentam sentados sozinhos, é organizada uma sessão com a abordagem do “cesto de tesouros” e,

Sumariamente, podemos dizer que um cesto, repleto de objetos escolhidos do cotidiano, que proporciona interação da criança com esses objetos ou entre elas, permite ao bebê protagonizar sua própria jornada de aprendizagem. [...] O propósito destas coleções de objetos é despertar, ao máximo, os sentidos dos bebês, instigar a curiosidade, a pesquisa, a investigação, ou seja, provocar a ação sobre os objetos e desenvolver a capacidade de concentração. Assim como fazem quando estão na cozinha ou na sala de estar e querem abrir os armários para ver e mexer no que tem dentro, os bebês têm curiosidade por explorar tudo que está ao seu redor. (FOCHI, 2018, p. 62).

As descobertas ficam por conta do próprio bebê. Ao professor cabe preparar o ambiente, selecionar (criteriosamente) as coleções de objetos, comunicar os bebês para onde irão⁴ e “Assim, passam a tomar consciência do que está acontecendo consigo e no seu entorno, gerando segurança emocional” (Ibid., 2018, p. 73). Com essa rica oportunidade, os bebês aprendem sozinhos, fazendo suas próprias descobertas e aqui surge a figura do mestre que se distancia sem abandoná-los com o intuito de dar o devido espaço para que o protagonismo do bebê apareça.

O jogo heurístico é embasado na autonomia e, por isso, a abordagem para as crianças de 1 a 2 anos (Jogo heurístico ou jogo dos tapetes) em turmas de crianças com 3 anos completos recomenda-se as (bandejas de experimentação). O jogo heurístico “tem como objetivo qualificar as oportunidades educativas na creche, possibilitando a autoatividade e concentração das crianças bem pequenas”⁵ (Ibid., 2018, p. 88).

As abordagens heurísticas são consideradas excelentes potencializadoras da autonomia e da investigação, uma vez que são momentos elaborados pelo professor especificamente para um

4 Tomando por base o princípio da linguagem, da comunicação, que é o que nos diferencia dos animais irracionais, conversar e comunicar aos bebês as ações que serão desenvolvidas é uma forma de estabelecer com eles uma relação de respeito e reciprocidade, nisso consiste a consigna.

5 Precisa ser em um local livre de circulação de pessoas e de interrupções. (FOCHI, 2019, p. 90).

grupo de crianças⁶ onde elas brincam explorando um conjunto de objetos que se combinam entre si e dão avantajadas possibilidades de construção à cada criança tendo o professor como apoiador indireto no ambiente onde acontece a sessão, ou seja “o momento da sessão é plenamente das crianças” (Ibid., 2018, p. 89).

Os aspectos pedagógicos, no que tange às experiências cognitivas das crianças em etapa de creche (0 a 3 anos), têm suscitado a necessidade dos professores de educação infantil estudar e por isso,

Entendo que quando uma criança pequena tem à disposição um espaço onde pode tomar decisões a partir do que deseja, sem que alguém fique direcionando e interferindo naquilo que ela escolheu fazer ou criar, ela está vivenciando uma situação de democracia. É ela quem decide o que quer naquele momento; é o “poder” de escolha sendo exercitado em tão tenra idade. (MEIRELLES, 2006, p. 19).

Tendo em vista que as coleções são compostas por brinquedos não estruturados⁷ a terceira abordagem que abrange as crianças de 3 anos, 11 meses e 29 dias, são as bandejas de experimentação e igualmente “constitui-se como uma proposta na qual a criança é colocada a descobrir as coisas por si mesmo” . (FOCHI, 2018, p. 108). Nessa modalidade do brincar heurístico as meninas e os meninos, em seu agrupamento, têm a oportunidade de investigar elementos contínuos (contáveis)⁸ e descontínuos (não contáveis)⁹ (Ibid., p. 108). Nessas interações as crianças experimentam a pesquisa em sua completude, pois podem inventar e reinventar, encher e esvaziar, misturar e peneirar etc., e assim comprovar ou refutar hipóteses surgidas em suas investigações individuais ou coletivas.

A busca por metodologias e abordagens pedagógicas é uma constante no meio educacional, compreender e aprender diferentes formas e estratégias de ampliar as oportunidades investigativas das crianças inquieta a pedagogia e impõe aos educadores a busca por novas formas de ensinar e aprender. Tendo em vista essa demanda, teorias e organizações curriculares vão sendo estruturadas para dar conta de potencializar as capacidades da existência humana em relação à vida e seus processos evolutivos.

4 Considerações finais

6 É indicado agrupamentos de 4 a 5 componentes.

7 Categoria de coleções: Objetos naturais; objetos feitos de materiais naturais; objetos de madeira, objetos de metal; objetos de vidro, porcelana ou acrílico; objetos feitos de tecido, borracha, pele e/ou couro e objetos de papel. (FOCHI, 2018, p. 72).

8 Ilha dos contáveis: pedras; rolhas; prendedores de roupas; tampinhas, sementes grandes etc. Bandejas com divisórias: forma de gelo; caixa de ovos etc. Utensílios de apoio: pegadores; colheres; conchas etc. (FOCHI, 2018, p. 114).

9 Ilha dos não contáveis: Um ou dois tipos de material que não se pode contar individualmente: farinha, café, erva-mate etc. Utensílios de apoio que “negociam” com o tipo de material não contável escolhido: funis; conchas etc. (FOCHI, 2018, p. 112).

Trazer para a discussão o “Mestre ignorante de Rancière” e o “Brincar heurístico de Goldschmied” é uma forma reflexiva de cruzar teorias que acreditam na potencialidade do ser humano aprender, e de serem protagonistas de suas aprendizagens. Essa discussão permite questionar o sistema de ensino pautado na transmissividade de conteúdos e creditar na pedagogia participativa professores e contextos mais honestos às aprendizagens das crianças.

O desafio aos mestres está lançado desde a época em que Piaget, Vygotsky e tantos outros comprovaram que as crianças possuem esquemas complexos de aprendizagem e que seu desenvolvimento cognitivo só tem a ampliar quanto mais estimulado for por práticas intencionais e qualitativas que os tratem como seres investigativos que através da brincadeira livre – não sem o cuidado necessário dos adultos, mas sem a sua intromissão antecipadora – onde ela possa criar, inventar, vestir-se de personagens que ela bem entender para resolver-se internamente ou compreender seu arredor.

O papel do professor, dessa forma, é daquele que obtendo maior conhecimento e experiência em uma determinada área do conhecimento, conduz o “aprendiz” a descobrir por si, dando problemas que causem dúvidas, que instiguem a buscar e que potencializem a confiança daquele que busca determinado conhecimento. A humildade do mestre ignorante – que nada tem de ignorante – reflete o professor da abordagem do brincar heurístico, que seleciona, organiza, comunica às crianças o que elas irão fazer e durante a brincadeira se retira da cena principal e fica nos bastidores, em observação atenta registrando as descobertas e os “maravilhamentos” do protagonismo na aprendizagem.

Referências

- FOCHI, Paulo. *O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil*. – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018.
- MEIRELLES, Darciana da Silva. *Brincar heurístico: a brincadeira livre e espontânea das crianças de 0 a 3 anos*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFGRS. Porto Alegre, 2016.
- PALACIOS, Jesús. Psicologia evolutiva: conceito, enfoque, controvérsias e métodos. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.
- ALACIOS, Jesús; MORA, Joaquín. Crescimento físico e desenvolvimento psicomotor até dois anos. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.